

# A FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NAS HUMANIDADES

## REFLEXÕES DIDÁTICAS

ANA R. LUÍS  
ADÉLIA NUNES  
CRISTINA MELLO  
JUDITE CARECHO  
ANA ISABEL RIBEIRO  
(COORDS.)

IMPRESA DA  
UNIVERSIDADE  
DE COIMBRA  
COIMBRA  
UNIVERSITY  
PRESS

## PREFÁCIO

Foi-me concedida a honra de prefaciá-lo o livro *A Formação Inicial de Professores nas Humanidades: Reflexões Didáticas*, organizado por Ana R. Luís, Adélia Nunes, Cristina Mello, Judite Carecho e Ana Isabel Ribeiro e editado pela Imprensa da Universidade de Coimbra. Faço-o com muito gosto, por um conjunto de razões que passo a referir. A Universidade de Coimbra e, nela, a Faculdade de Letras, foram os lugares da minha formação universitária inicial, uma formação em Humanidades e sobre a qual construí o meu perfil profissional de professora. Além disso, desde bem cedo na minha vida profissional, me senti atraída pela formação de professores e, nesse campo, atuei nas vertentes da formação inicial e da formação contínua, interessando-me particularmente pelas problemáticas relativas à Didática e à Supervisão. O facto de ter sido uma das primeiras professoras de Didática (de Línguas) em ambiente universitário (na então nova Universidade de Aveiro) constituiu para mim um enorme e interessante desafio de prática rigorosa de formação e investigação e de afirmação e credibilização desta disciplina no mundo académico. À minha frente abria-se um vasto campo de pensamento e de ação nos tempos, estimulantes, do pós-25 de Abril. Havia que conceptualizar a Didática, delimitar o seu campo e objeto, compreender a sua relação com disciplinas afins, conceber e experimentar estratégias de ensino e avaliação, caracterizar o perfil do professor de Didática, desbravar os caminhos da investigação na área.

Não é, por isso, de estranhar que acolha, de bom grado, iniciativas que contribuam para o desenvolvimento da área disciplinar da Didática e para a melhoria da qualidade da formação de professores. O livro que agora é dado à estampa reúne uma seleção de textos resultantes da apresentação de comunicações no 1.º Colóquio em Didática e Ensino da FLUC, realizado em

2016, no âmbito das atividades relacionadas com a Formação de Professores e os Mestrados em Ensino. Os textos enquadram-se nas áreas de Geografia, História, Línguas, Literaturas e Culturas.

Sem a preocupação de fazer referência a cada um dos capítulos que compõem o presente livro, optei por fazer uma abordagem transversal, tentando identificar preocupações, interesses, temas, experiências, dificuldades, aspetos críticos.

No centro das preocupações encontra-se, como seria de esperar num livro sobre Didática, o processo educativo, expressão frequentemente utilizada nestes textos e que, sendo mais abrangente do que processo de ensino e aprendizagem, remete-nos para uma visão mais atual e esclarecida do conceito de Didática e da prática didática que dele decorre. Identificada, durante vários anos, apenas com o *quê* e o *como* ensinar, à área disciplinar da Didática colocam-se hoje, para além destas, outras questões mais profundas, relativas ao *porquê* e para *quê* ensinar o *quê*, em que contextos e com que resultados. Esta focagem de ângulo mais vasto não invalida a centralidade dos conteúdos a ensinar/aprender e a sua interligação. É esse, exatamente, o sentido da designação de Didáticas específicas, termo muito utilizado na formação de professores. Mas esses conteúdos, por sua vez, não se fecham nas fronteiras específicas de cada disciplina; abrem-se a outros campos e a outros saberes numa perspetiva atual de interdisciplinaridade e de reconhecimento da teia complexa de saberes que, articulando unidade e multiplicidade, torna mais compreensível a leitura do mundo e mais atraente a aprendizagem. Articula-se assim a música e a geografia, a pintura e a literatura, as línguas e a geologia.

Também os saberes não se confinam a conhecimentos teóricos, mas alicerçam as competências que permitem não apenas compreender a realidade, mas nela agir. Os autores de vários textos evidenciam bem a relação entre o ensino e a realidade, seja através da exploração do território, da interpelação provocada pelas obras de arte, da leitura de textos literários ou de canções atuais. Esta relação insere-se numa preocupação pela aprendizagem ativa, significativa e colaborativa, centrada no estudante, mas tendo como pano de fundo o papel condutor do professor que organiza, estimula e avalia as aprendizagens dos seus alunos. Na era tecnológica em que vivemos, a era da geração móvel, digital, do polegar, não admira que à utilização da tecnologia

no processo educativo tenha sido dada significativa atenção, com referência à utilização de *tablets* em visitas de estudo e de TIGs no ensino da geografia. Um outro indício de expansão da atuação didática nota-se na referência a aprendizagens em ambientes informais, reconhecendo-se assim a necessidade de uma formação em contínuo e a possível influência da escola na comunidade em geral.

De destacar é também a forte presença de referências, geralmente críticas, aos manuais de ensino, o que revela o papel crucial que eles desempenham no processo educativo, as influências positivas ou negativas que exercem e o elevado grau de exigência que deve ser colocado na seleção destes auxiliares de ensino; e, mais uma vez, refiro processo educativo e não apenas processo de ensino/aprendizagem, pois, como sabemos e alguns dos presentes textos isso testemunham, os manuais escolares são muitas vezes veículo de estereótipos e elementos culturais distorcidos que, sub-repticiamente, se está a inculcar nos nossos alunos.

Sobressai ainda, na leitura dos capítulos, uma forte preocupação com o desenvolvimento do espírito crítico, numa clara evidência de que a Didática não se confina ao *quê* e como ensinar, mas se interroga sobre as finalidades do ensino ao mesmo tempo que inscreve nas suas abordagens o desenvolvimento do espírito crítico, fundamental para a vivência de uma cidadania ativa. Cidadania que hoje ultrapassa os limites da cidade, da região, do país, para se situar no mundo globalizado em que vivemos. Mundo que exige um outro modo de estar e de agir. Não admira, por isso, que temas como a globalização, a cultura, a identidade, a intercultura e a aculturação estejam muito presentes nas preocupações e interesses dos autores.

As reflexões didáticas no livro com o mesmo título que agora prefacio consubstanciam-se em textos de natureza diferente. São-nos oferecidos textos de pendor mais teórico, alguns orientados para a problematização do ensino das disciplinas e da própria disciplina de Didática, a par de outros mais focados na prática educativa, relatando experiências, apresentando projetos, refletindo sobre a evolução da disciplina. Por todos eles perpassa uma atitude de questionamento crítico, de desafio ao pensamento e à ação. Deles emerge um perfil de professor como estudioso, investigador do seu campo de ação, comprometido com a reflexão sobre a sua prática, construtor de um

saber didático na sua vertente teórica e prática, impulsionador de mudanças requeridas. E a propósito de mudanças, alguns capítulos atestam a nossa já bem conhecida dificuldade de introduzir inovação devido às infraestruturas existentes na escola, pouco flexíveis, o que obriga a uma atitude de persistência, uma sólida argumentação, evidências de necessidades e de resultados. É a didática em movimento.

Na minha leitura dialogante com estes textos, senti a curiosidade de saber em que perfil deveria encaixar os seus autores. Seriam eles académicos, professores das escolas, estagiários? Perguntei. E a resposta chegou: 19 académicos, 5 professores das escolas e 5 estagiários. Interrogar-se-ão talvez os meus leitores sobre a razão de ser deste meu questionamento. Se continuarem a ler-me, encontrarão, mais à frente, pistas para a construção da resposta.

A propósito das reflexões motivadas pela leitura deste livro, revisei o meu pensamento sobre a Didática, construído na interação entre a minha prática docente e a tentativa de configuração de um campo disciplinar em emergência, a exigir reconhecimento e credibilização no meio académico. Uma temática que progressivamente abordei ao longo dos anos de vida profissional ativa, quer como professora de línguas no ensino secundário, quer como investigadora, professora de Didática e formadora de professores; e sobre a qual continuo a refletir no período de pós aposentação.

Das reflexões acima apresentadas a propósito dos textos penso que se pode inferir que considero que a Didática vai muito para além do vulgar conceito que a circunscreve ao modo de ensinar conteúdos. À Didática aplica-se o clássico questionamento sinalizado nas perguntas: o quê ensinar? a quem? porquê? para quê? quando? em que contextos? como? com que auxiliares? como avaliar? Considero assim que a Didática, como campo de conhecimento e sua projeção na ação, focaliza-se nos processos educativos de ensino e aprendizagem, tendo em conta as suas finalidades, fundamentos, práticas, condições e fatores influenciadores. É evidente que, para dar resposta às questões acima colocadas, a Didática tem de estabelecer relações com outras áreas disciplinares com destaque para a Psicologia e a Sociologia, para além de, obviamente, as áreas dos conteúdos disciplinares a ensinar.

Terão talvez reparado na minha referência a um campo de conhecimento e sua projeção na ação, projeção que agora clarifico como interativa, implicando

uma forte ligação entre a teoria e a prática e entre os diversos atores que dão vida a este campo. Reconheço na Didática 3 domínios, a saber: o domínio da ação profissional (a que chamei a Didática profissional); o domínio da investigação (a que chamei investigação em Didática) e o domínio da formação (a que, na Universidade de Aveiro, onde lecionei, convencionámos chamar Didática curricular). Trata-se, no primeiro caso, da Didática que se pratica, da atuação do professor e seus alunos. O segundo, sendo óbvio, não carece de explicação e o terceiro remete-nos para o ensino da própria Didática. Por considerar que estas três dimensões devem estar profundamente interligadas, mas cada uma delas pode, em diferentes situações, estar mais no centro das atenções, cunhei a expressão “tríptico didático” para acentuar essa configuração e possíveis reconfigurações. Como envolvente, acrescentei-lhe mais tarde a dimensão política, que nos remete para as finalidades e condições do ensino das disciplinas e da própria disciplina de Didática.

Uma outra questão emerge a propósito desta minha conceptualização. Quem são os atores nestas 3 dimensões e como se articulam? Para além dos estudantes, as figuras que habitam este cenário didático são os professores das escolas básicas e secundárias, os professores de Didática no ensino superior e os investigadores em Didática. É oportuno dar continuidade a esta interrogação e lançar a seguinte: quem são estes investigadores? Até há relativamente pouco tempo esta categoria confinava-se aos professores universitários. Para além dos bolsiros da atualidade, evoluiu-se, e bem, no sentido de nela incluir os professores das escolas básicas e secundárias de que é exemplo o presente livro, embora em número limitado. Poderá argumentar-se que a investigação que estes professores fazem é, normalmente, diferente da praticada pelos académicos; afirmam alguns que nem deve ser considerada investigação, alegando a sua natureza de investigação-ação na maioria dos casos. Deixando de lado esta polémica que, progressivamente, se vai diluindo, gostaria de renovar um desafio que venho fazendo no contexto da formação de professores: o do forte entrosamento entre académicos e professores das escolas no sentido da intensificação de equipas conjuntas com propósitos de investigação e formação. Contra-argumentam alguns que é difícil encontrar objetivos e processos comuns porque as identidades são diferentes. Pois são e podem e devem continuar a sê-lo. Mas para além das identidades específicas,

a dos académicos e a dos professores das escolas, há uma identidade comum, ainda a construir, admito: a de formadores de professores.

A terminar, deixo, aos autores e organizadores, um reconhecimento pelo trabalho realizado em prol do conhecimento didático e aos leitores, o desafio de uma leitura crítica.

Aveiro, setembro de 2018

ISABEL ALARCÃO

Professora catedrática de Educação, aposentada

Universidade de Aveiro /CIDTFF

[orcid.org/0001-5356-0931](https://orcid.org/0001-5356-0931)